



O silêncio da Câmara e dos jornais perante o conflito da Companhia do Gás

O grave conflito travado entre a Câmara e a Companhia do Gás, conflito em que estão em jôgo os interesses da cidade, tem passado nesses últimos dias completamente despercebido. Os jornais não dizem sobre ele uma única palavra. Parece ter-se urdido, entre eles, o complot do silêncio em volta do caso. Essa atitude da imprensa não nos causa a menor admiração. Chegou-se ao cúmulo na maioria dos jornais, habituados como estão a receber dinheiro para cobrirem todos os escândalos e defendem todos os roubos, de haver o receio de falar mesmo quando não se cobra um vintém.

Averiguado, neste momento, que a Companhia do Gás aumentou ilegalmente o preço da luz e o aluguer dos contadores, demonstrado ainda que ela não possui de direito o monopólio da electricidade, reconhecida a conveniência de se fundar novas empresas que lhe façam, pelo menos, uma relativa concorrência, esses jornais fingem não dar pelo conflito, simulam não reparar que estão em causa os interesses da população.

Já se venderam ao monopólio ou estão à espera de que este os mande gratificar principezamente pelas suas atitudes, porque o silêncio, nos jornais, é também uma fonte de rendimento, donde pingam esplêndidas quantidades de escudos.

Por seu lado a Câmara Municipal mantém-se num silêncio bastante triste, silêncio que quase envolve a condenação da sua atitude, silêncio que principia a provocar suspeitas. Os homens que compõem a Câmara devem saber o desprestígio em que vereações sucessivas têm caído e o scepticismo que o povo está possuído, scepticismo que subsiste, mesmo quando lhe prometem alguma coisa de bom. A actual vereação, que é a autora deste conflito que propósitamente agravou com a intenção de dar um cheque na Companhia do Gás, tinha o dever, ao menos para salvar a própria honra do convento, de manter o fogo sagrado e mesmo de alimentá-lo, a fim de encorajar, na parte que lhe toca, a população para a defesa dos seus interesses. A Câmara tem um silêncio que só pode ser comparado ao dos cemitérios e das casas dos mortos. Não manda para os jornais a menor nota oficial, nem sequer presta o mínimo esclarecimento à população. Cala-se quando devia falar, mantém-se tranquila quando devia mover-se e multiplicar a sua actividade a não ser que esteja convencida de que o silêncio é a inacção propícios a ações fecundas.

Constata-se, neste caso, que só este jornal incarna os interesses da população só ele os defende, só ele aconselha a luta contra um monopólio de homens sem pudor, sem dignidade e sem vergonha. Só ele livremente, desassombroadamente, proclama que a electricidade não deve continuar sendo privilégio de alguns, deve passar a ser utilizada por todos. O tempo da iluminação a petróleo já passou. Embora anacrônicamente persista tem de acabar. E a electricidade continuará a ser privilégio de alguns enquanto ela for fornecida por uma quadrilha de ladrões.

Ex-kaiser provocador de tumultos

BERLIM, 29.—As manifestações da direita em honra do aniversário natalício do ex-kaiser coincidindo com manifestações da esquerda contra as indemnizações a conceder às antigas casas reinantes, deram lugar a violentas colisões em todo o Reich.

Em Berlim o número de feridos elevou-se a 11.

A greve ferroviária em Lourenço Marques

LONDRES, 28. Um telegrama de Johansburgo para o *Times* diz que de Lourenço Marques informam que as negociações entre as autoridades portuguesas e os grevistas conduziram a um beco sem saída, em virtude das exigências dos grevistas serem consideradas excessivas. Os engenheiros navais, vindos de Lisboa, farão circular os comboios; os bombeiros e a brigada militar farão trabalhar as oficinas. Os grevistas receberão até agora, das "Trades Unions" do Rand, 200 libras e auxílio.

## O íntegro juiz Alves Ferreira está obrando pela calada. Obrou, obrou — mas não saiu outra causa, devido talvez à sua idade avançada, senão mau cheiro a investigação...

Apesar dos seus esforços o partido comunista francês perde, por sua culpa e seus erros, a sua influência na massa operária

Duzentos e oitenta militantes comunistas proclamam a verdade sobre o desastre do Partido e denunciam a ditadura intolerável de um verdadeiro bando de megalomanos.

Com estas palavras e estes sublinhados manifesta o *Boletim Comunista*, à cabeça de um artigo, a atitude da oposição comunista na França, dirigida por Boris Suvarine, um dos numerosos comunistas excluídos do partido.

A polémica é violenta, onde quer que exista um partido comunista, entre a oposição socialista e o predomínio nacionalista. Assim, o dissídio bolxevista não se contenta no vasto país russo e despenha-se para aquém das fronteiras. Na França, pois, não poderia deixar de reflectir-se com impetuosidade a agitada discussão que ocorre entre comunistas.

Os dissidentes franceses não são menos aguerridos do que os partidários de Zinoviev. Veja-se o que declara o *Boletim Comunista* nesse artigo, cujos títulos nos servem de abertura:

"Já não é possível dissimular-se a situação catastrófica do movimento operário francês, sabotado com fúria por um bando de políticos malfeitos que o partido nunca elegeu e que foram impostos automaticamente à direcção partidária por uma política e por alguns homens que no XIV congresso comunista russo foram condenados.

"Este bando, que não tem uma equivalência na história do movimento operário francês quanto a mediocridade e a nocividade, e que só é odioso e no grotesco consegue distinguir-se, leva a sua inconsciência a ponto de pretender adaptar a fábula da fecundidade à sua impotência, como se os aderentes ao nosso partido não vissem bem o que nela se passa.

O bando a que se referem estas duas passagens é o corpo directivo do partido, ao qual se opõe a parte socialista que constitui, ao que parece, a maior do comunismo francês. É o que declara o já referido Boletim: que a verdade foi proclamada por um número importante de militantes comunistas.

"Estes camaradas, entre os quais se contam uma centena de representantes responsáveis nas organizações sindicais, na sua maioria operários bem conhecidos pela sua actividade, enviaram ao Executivo da International uma carta, com 280 assinaturas, na qual se revela a verdadeira situação do partido — o desastre, como dizem — denunciaram a ditadura intolerável do bando que saqueou o nosso partido e declararam peremptoriamente que se continuam as exclusões, o desanimo se torna geral, se desampa a razão e o pensamento no partido, e nós iremos direitos à total liquidiação do comunismo francês.

A representação dirigida à International acusa a direcção do partido francês de mentir quando afirma que "após uma suposta bolxevização, o comunismo adquiriu uma possante influência sobre a massa operária" e que esta obedece com entusiasmo à determinante comunista.

Declarada, mais adiante:

"A despeito de todos os optimismos, nós sofremos cheques esmagadores, que provocam exuberantemente que a nossa influência sobre o mundo trabalhador é superficial. A direcção do partido, ao notar o fiasco da sua política de *bluff* e intimidação, procura agora diminuir o desastre, de que é único responsável."

Depois, a representação demonstra o gradual enfraquecimento do Partido Comunista, actualmente decomposto em células sem vida e corpos esqueléticos, o que torna fictícia a sua força e amola a sua influência.

As células por oficina foram instituídas por determinação do V congresso mundial. Tinham o objectivo de reforçar a influência comunista na massa operária, mas o sucesso tem-se acentuado. Once deputados comunistas que percorreram em propaganda toda a França constataram uma indiferença tal que a situação é hoje desgraçada.

Outras queixas formula a minoria socialista, que é no comunismo a esquerda revolucionária, contra a direcção do partido. E depois de enumerar as causas políticas da má organização do partido, a representação passa a referir-se à diminuição da força eleitoral que os comunistas estão sentindo:

"... supunha-se garantido um grande sucesso nas eleições municipais e cantonais. Paris seria rodeada por uma cintura vermelha de municípios bolxevistas, mas o resultado foi desastroso. Ao primeiro escrutínio, o partido foi batido irremediavelmente na província e em Paris perdeu 30 por cento da votação que havia obtido nas eleições legislativas. Para evitar o desastre, a direcção recorreu aos votos dos socialistas e dos radicais, ainda num manifesto que era o desafogo de todos os seus erros passados.

Nós não diríamos com maior eloquência. Documentemos, entretanto. Os "erros passados" são aqueles que determinaram o fracasso da greve geral contra a guerra, em Outubro do ano findo. A minoria impôs o fracasso à política sclerada do bloco das esquerdas e ao desleixo dos burocratas parasitas e corruptos do partido, dos megalomanos e irresponsáveis que detêm a direcção, a qual tudo sabotou e escandalhou. A minoria esquece-se, neste ponto, da "influência superficial" que o partido tem sobre a massa operária.

Outra passagem interessante:

"Limitemo-nos a mencionar, sem rodeios, o cheque completo da campanha pela união sindical.

A superficialidade desta influência é com-

Quando foi encarregado de fazer luz sobre o caso das notas de 500 escudos, Alves Ferreira, o investigador, principiou por produzir uma declaração grotesca — que possuía para iluminar o impenetrável mistério algumas débeis velas de sebo. Uma mentalidade que não mede que, nas circunstâncias graves em que é colocada, o ridículo é a sua morte imediata, deixa de merecer crédito e confiança do público. Ora o sr. Alves Ferreira principiou, para inspirar a confiança ao público ansioso de verdade, por se mostrar grotesco. Mais tarde, para furtar-se à discussão dos jornais, tomou uma atitude ainda mais ridícula: a nota oficial redigida na linguagem eloquente do Amigo Banana.

Diz-se que Pinto de Magalhães não fazia senão asneiras. Não temos procuração para defender aquele juiz, nem *A Batalha* é órgão da magistratura portuguesa. Órgão do proletariado, isto é, das vítimas, dos sacrificados, interessa-lhe neste caso a personalidade dos juizes que estão procedendo às investigações porque quer e tem o direito de conhecer toda a verdade acerca dumia burla que pôs em jôgo o bem-estar da colectividade e os dinheiros públicos que do sangue do povo trabalhador são arrancados. E como nota que da parte da política dominante e da finança imoral existe o desejo abafar o escândalo para salvar os maiores criminosos, analisa a mentalidade dos investigadores que têm por missão esclarecer a verdade. Comparando, nesta ordem de ideias, o procedimento de Pinto de Magalhães com o de Alves Ferreira, cujos méritos são cantados pela imprensa de negócios, consegue por verificar, num simples golpe de vista, que o primeiro era muito mais probe, motivo por que foi afastado.

O Alves Ferreira é um velho ridículo — além de ridículo parvo. Começou por comprovar-se, afirmando que a burla foi planeada na Rússia. Que inteligência! Que arágrico! Hoje só cérebros muito tacanhos, muito atrasados, muito ignorantes seriam capazes de engendrar afirmações de tal jazz. Mas será Alves Ferreira tão estúpido que acredite que o público toma a sério o "plano bolxevista"? Não nos parece.

E realmente ninguém acreditou, razão porque o integríssimo e habilíssimo juiz Alves Ferreira resolveu abandonar a pista... russa.

Entrou com rompantes de leão. E tão seguro estava de que iria fazer uma obra genial que tratou de mobilizar os seus aposentos com tristes do Palácio da Ajuda. Sem a ajuda daqueles tristes o arguto investigador nada descobriria... Não compreendemos bem porque motivo o sr. Alves Ferreira não escolheu, por exemplo, tristes... da Boa Hora, onde há tantos...

Enfim, o sr. Alves Ferreira, nesta questão de tristes, é muito mais entendido do que nós...

O que parece verificar-se é que os tristes tiveram uma influência perniciosa no decorrer das investigações — porque até hoje o habil magistrado não fez luz, nada descobriu e até já resolviu calar-se para não dizer asneiras senão por intermédio das suas já célebres notas oficiais.

A questão do Angola e Metrópole tinha vários parafusos... Era essencial descobrir-se o motivo por que não existia correspondência nos arquivos do Banco de Portugal, durante o tempo em que decorreram as negociações da emissão clandestina das notas tipo "Vasco da Gama". Era um parafuso da questão. Alves Ferreira devia ter medido sobre o caso — él é uma criatura pensante... Pensou, pensou — e poze-se a obrar... Obrou. E como já vai um pouco avançado em idade — nada saiu... Lamenta-se a tortura do ilustre magistrado, nestes transes atípicos. Mas o certo, o incontesteável — é que nada saiu. Evoluiu-se, bem sabemos, um desagradável cheiro a investigação — mas não passou de mal cheiro. Alves Ferreira, a pesar do esforço, nada produziu.

Abandonou este parafuso. A despeito dos apuros em que se meteu — não apurou causa alguma. Passou a outro parafuso — o das assinaturas do sr. Inocêncio Camacho, cuja inocência é tinhia a missão de salvaguardar. De antemão asseverou, espetando o dedo num ar de convicto, que estávamos em presença dum caso vulgar de falsificação. Passou ao exame das assinaturas, cujos fac-similes alguns jornais publicaram. O público ficou convencido de que a assinatura que se dizia ser falsa era irmãzinha da assinatura autêntica estampada nas notas. Mas o sr. Alves Ferreira apontou a que tinha todo o aspecto de falsa, decretou: "Esta é verdadeira!" E pronto...

Apenas as criaturas que ainda vêm dois palmos em frente do nariz não ficaram convencidas senão de uma causa: o intelecto juiz não descobriu.

Agotou o outro parafuso estava nas declarações de Marang. Este fê-las e eram de tal maneira comprometedoras que Alves Ferreira resolveu calar-se. Presentemente está Sua Excelência obrando pela calada. Devia sair uma formosa... obra. Ele não gosta, de certo, que o incondômodo no serviço grave a que se entregou. Deixemo-lo à vontade — é que quer estar à vontade...

Mas antes de deixá-lo, não podemos deixar de frisar este ponto interessante: é que o esperto magistrado, que à falta de luz eléctrica tem lume no olho para bem obrar — além de nada ter descoberto, ainda deixou que furtasse à polícia duas malas contendo notas de quinhentos escudos... Se continua, assim, arguto e fenomenal investigador, em breve desaparecerão os tristes — e o juiz...

As impunidades de terríveis frutos. O crime proliferou e irradiou. Em Lisboa as proezas da G. N. R. e da polícia multiplicaram-se incessantemente. E a província começou, a breve trecho, a constatar que aquelas duas corporações estavam a guiar-se pelos exemplos recebidos de Lisboa. Principalmente, no que se refere à província, a G. N. R. perdeu completamente o respeito pela vida e pela dignidade alheias. Armando-se a tortura de farda, depois de insultarem ou violentarem; usaram-na para agredir crianças; usaram-na para cometer a cobardia de agredir velhos, para praticar a infâmia de agredir presos. No país onde foi abolida a pena de morte fusilaram-se e mataram-se presos; assassinaram-se pessoas indefesas.

A impunidade deu terríveis frutos. O crime proliferou e irradiou. Em Lisboa as proezas da G. N. R. e da polícia multiplicaram-se incessantemente. E a província começou, a breve trecho, a constatar que aquelas duas corporações estavam a guiar-se pelos exemplos recebidos de Lisboa. Principalmente, no que se refere à província, a G. N. R. perdeu completamente o respeito pela vida e pela dignidade alheias. Armando-se a tortura de farda, depois de insultarem ou violentarem; usaram-na para agredir crianças; usaram-na para cometer a cobardia de agredir velhos, para praticar a infâmia de agredir presos. No país onde foi abolida a pena de morte fusilaram-se e mataram-se presos; assassinaram-se pessoas indefesas.

Como assim?

— Porque o público pode não interpretar fielmente os porquês do nosso sentir. E' o que sucede quando se vê um problema apenas pela superfície sem profundizar os seus fundamentos.

— Mas o camarada não pode fundamentar o problema?

— Ora é isso mesmo que eu desejo. Quero e desejo que o público e a organização operária fiquem habilitados a saber das nossas aspirações.

O nosso colunista fala com entusiasmo, com vivacidade mesmo, a pesar-de-sas cãs o cobrirem. Vai agora explicar-nos os porquês do sentir do pessoal, como juntas adiam-se.

— Sou manipulador de tabacos há 64 anos. Venho ainda do antigo monopólio do qual conservo algumas reminiscências. Porém elas são poucas porque eu era ainda muito novo. Mas pelo que me disseram desse regime, ele era de miséria para o pessoal.

— Por razões que pouco interessam, esse regime caiu em 1863. No ano seguinte sucedeu-lhe o regime de liberdade de fábrica que durou até ao ano de 1887.

— Pode dizer-nos o que foi esse regime?

— Esse regime foi mais miserável para o operariado que exerce a sua actividade nos tabacos. Ainda me recorda a vida de miséria que vivemos. Ainda me lembra que havia 8 fábricas em Lisboa que nenhuma regalava concediam ao pessoal. Como esse supúcio já vai longe...

A liberdade de fábrica que vigorou em 1870 só aproveitou aos estanqueiros

Joaquim José da Rocha suspende agora a sua narrativa. Era mister consultar os seus apontamentos para não perder o mais leve pormenor. Depois de aconchegar a luneta, prossegue parcimoniosamente:

— Esse regime durou 23 anos. Durante esse longo tempo só quem aproveitou foram os estanqueiros — os revendedores de tabaco. Calculo que os industriais para conterem diminuam os salários ao seu pessoal, obrigavam-no a trabalhar como uns autênticos burros para que o produto saisse o mais barato possível a fim de poderem vender no estanco por menor preço.

— O revendedor é que ganhava com isso, porque o industrial só tinha uma preocupação: vender mais barato, sem se lembrar de desenvolver a indústria e por esse processo triunfar na peleja.

— Porque terminou esse regime?

— Porque os industriais foram vencidos em toda a linha. Foram vencidos porque os operários para se defenderem das armadas responderam com várias greves, procedendo dessa forma a fundação do jornal *A Voz do Operário*, criado para defender as nossas aspirações.

Foram vencidos porque embora os industri

bricas por 7.200 contos. Principiou então a «Regie».

De todos os regimes foi a «Regie» que concedeu ao pessoal algumas regalias, as quais transitaram para o monopólio. Por esse motivo foi neste ponto da entrevista que procurámos conhecer as aspirações do pessoal. O nosso interlocutor vindo de encontro aos nossos desejos, diz-nos:

— Foi a «Regie» o regime que conferiu maior número de regalias ao pessoal. A «Regie» devemos um salário mais vantoso, as 8 horas de trabalho, a Caixa de Socorros, a reforma para o pessoal com 20 anos de serviço e 60 de idade e ainda a participação de lucros. Isto em 1890 há-de concordar que representou uma grande vantagem.

— Para o tesouro e para o consumidor também a «Regie» trouxe vantagens?

— A prova de que o tesouro beneficiou está no facto de o Estado nos dar participação de lucros. Se vivesse deficitariamente não nos pareceria que a «Regie» nos fizesse essa concessão.

— O consumidor também beneficiou porque em nenhum outro regime o tabaco foi tão bom.

— A «Regie» ainda devemos um regulamento de trabalho elaborado pelo pessoal e «in continet» aceite por Oliveira Martins, o administrador geral.

— Com essas vantagens todas porque terminou então a «Regie»?

— A «Regie» terminou porque o Estado precisava de contrair um empréstimo no estrangeiro e cacionou esse empréstimo com o valor das fábricas da «Regie». Estas passaram depois para uma empresa monopolista que tinha à sua frente o conde de Burnay. Estavam em 1891.

— E como ficou o pessoal que pertencia à «Regie»?

— O pessoal passou todo para o monopólio, o qual se comprometeu a respeitar-las as regalias.

— O monopólio respeitou essas regalias?

— Respeitou sim. Mas é bom saber-se que depois de 15 de Maio de 1890 foi admitido novo pessoal que ainda hoje não tem regalias. Mais: a esse pessoal, considerado extraordinário, é-lhe paga por um preço inferior a mão de obra, resultando a mesma porção de tabaco render ao pessoal extraordinário um preço e ao da «Regie» outro.

— Em volta deste problema o nosso entrevistado e alguns comissionados falaram com calor. Por serem muito significativas as suas declarações mais de espaço delas nos ocuparemos.

— De forma que o monopólio apenas respeitou as regalias já estabelecidas, não criando outras, não é assim?

— Exactamente, os benefícios que temos foram impostos, e estão fixados no contrato. Não é uma concessão, porque se o fôsse, esta seria actualmente a situação do pessoal extraordinário.

— A conversa derivou agora para um novo terreno. Quisemos saber qual era a opinião do pessoal sobre o futuro dos tabacos. O nosso bom camarada vai dizendo:

**E-nos indiferente o novo regime**  
**Queremos apenas que as nossas**  
**regalias sejam respeitadas**

— A nossa opinião sobre o futuro dos tabacos pouco pesa. Não podemos escolher, porque não é da nossa competência a escolha. Se o fôsse, tendo, como prova, sido a «Regie» aquele regime que melhor garantias nos trouxe, seria este o preferido.

— Assim limitamo-nos a exigir que a nossa situação de futuro não seja pior do que é. Queremos todas as regalias respeitadas queremos que o pessoal demitido seja reintegrado, e queremos ainda que o pessoal extraordinário seja igualado ao pessoal da «Regie», e que sejam extensivas a todos os que enfranchem as regalias que hoje gozam os da «Regie».

— Falamos agora de socialização. Está ou não está o pessoal apto a esse cometimento? O nosso entrevistado diz-nos:

— Socialização seria o grande ideal. Socialização é, infelizmente, ainda um lindo sonho, um sonho apenas, meu amigo.

— Pensemos apenas em coisas práticas, porque a hora é de realizações práticas.

— E foi dizendo para concluir:

— Pensemos apenas no futuro dos nossos camaradas que, como eu, trabalham há 64 anos, apesar de terem direito a reforma depois de 20 anos de serviço.

— E porque se não reformam?

— Porque teriam que viver apenas com 5500 por dia, que é quanto tinham direito!

**Conframestres, Marinheiros e Mocos**

Previnem-se todos os camaradas que do dia 1 de Fevereiro, as chamadas para embarque serão feitas na noite sede das 18 às 19 horas.

Assim como todo o expediente deve de ser dirigido para a calçada Castelo Branco Sraiva, 42, 2º.—A Comissão Administrativa.

**Ocorrências diversas**

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo, recolhendo depois à enfermaria de S. Francisco do Hospital de S. José, Manuel Esteves de 32 anos, natural de Maia, carpinteiro, residente no Rio Seco 34, que, em Alcântara-mar, caiu da carroça de que era condutor ficando com a perna esquerda fracturada.

— No Banco do Hospital de S. José recebeu curativo e seguiu para casa, Manuel António, de 59 anos, natural de Maceio de Cavaleiros, residente na rua Freire à Penha de França que num armazém de ferro no cais do Tejo, foi colhido por um ferro fendo ferido na cabeça.

— O cadáver que na noite de ante-ontem deu entrada na Morgue por ter sido encontrado na Várzea Salgada, próximo da Amdora, parece ser de um indivíduo de nome Jusimiano, natural de Ourique, soldado aposentado da Guarda Fiscal e que residia na calçadaria de Santo Estêvão 2, e presume-se que se trata de um suicídio.

**Um protesto contra uma empresa teatral**

COIMBRA, 29.—Consta que vai ser iniciado um movimento de protesto contra a empresa do teatro e as autoridades por consentirem a venda de bilhetes a preços excessivos e pelo criminoso excesso de lotação.

**O apoio à campanha de «A Batalha»**

Escrivem-nos os «chauffeurs» António Alberto dos Santos, João Baptista Gonçalves, Eusébio dos Santos, Hache Graca, João Gonçalves, Fernando Casimiro Manços, António da Silva Mairas, Jaime Ricardino Pereira, Augusto Casimiro Manços, Alfredo A. Silva, Perfeito Milara, Carlos Ribeiro, Joaquim Franco e António Lourenço manifestando-nos a sua concordância e aplauso com a campanha que «A Batalha» mantém contra os escândalos da alta finança.

## Notas & Comentários

### Um aplauso a pedido

— Recebemos o 1º número do jornal «A Festa Nacional». É um número cheio de gravuras, reproduzindo todas elas fisionomias expressivas de toureiros. Acompanha o número um papelhão dactilografado pedindo uma boa referência e mesmo um aplauso à campanha contra o imposto que recaiu sobre as touradas em que entraram diestros de além-fronteiras. Evidentemente que não aplaudimos o imposto, simplesmente porque somos contrários a todos os impostos. Mas não nos interessa a livre importação de brutamontes de Espanha: os que cá estão chegam e sobejam para demonstrar o atraso em que país se encontra. Porque não protestam, por exemplo, de preferência, contra o imposto que recaiu sobre o bacalhau e outros gêneros alimentícios? A não ser que nos convertamos em antropófagos os brutamontes de Espanha, isentos de imposto, concorremos para embalar as carnes.

### Expedito...

— Rebatai inesperadamente condena-se a si, ao seu partido e ao governo do seu partido com esta confissão, no final do seu «fundo» de ontem: «os povos não se governam com expedientes grosseiros». De acordo: desgovernam-se. E para isso existem os expedientes grosseiros, os expedientes à António Maria da Silva...

### Mais uma proeza

— Mais uma proeza que define o carácter de Pereira da Rosa. Contem-nos: quando Nuno Simões foi preso, o fotógrafo Salgado do Século foi encarregado, por ordem do administrador-delegado daquele jornal, de tirar-lhe uma grande fotografia para ser publicada no dia seguinte. Porem, Salgado não teve ensejo de desempenhar-se da sua missão, em virtude de terem surgido vários contratempos e dificuldades irremovíveis. Pereira da Rosa não querendo saher de razões despediu o cláudio fotógrafo, sem lhe pagar nem atender ao seu trabalho assíduo de seis anos. Parece-nos que ao Sindicato dos Profissionais da Imprensa não passará despercebida esta tremenda injustiça.

— Ai vem o carrasco!...

— O Diário de Notícias, segundo informações que temos, calou inteiramente nas unhas rápidas do sr. António Maria da Silva, o encobridor de falsários e o perseguidor de operários. O grupo da Moagem, porque querer adquirir, numa cidade da província, uma fábrica, vendeu as suas ações ao ditinente chefe democrático que na transacção foi representado pelo sr. Lago Cerqueira, praticante de embaixador. Sabe-se o ódio profundo e várbaro que o obtuso chefe do governo alimentou pelos que trabalham para angariar umas falsas e desvalorizadas notícias da célebre Baixa de Portugal e dos Inocentes, daquém e dálém partido democrático. O sr. António Maria da Silva é dono do Diário de Notícias, razão de sobejo para que os que lá trabalham se sintam com a corda na garganta e gritem com terror: —Ai vem o carrasco! Parece que sim a avaliar pelo que lá se passa...

### Mais uma proeza do «Varino»

Um polícia de alcunha o «Varino», a quem «A Batalha» já se referiu, várias vezes, praticou há dias mais uma proeza. Quando na rua da Mouraria, cerca das 22 horas, os operários Artur Ferreira e Luís da Silva, o tal «Varino» prendeu-os. Porque? Porque lhe suspeitou estar na presença de dois vadios. Os referidos operários não são vadios, vivem do seu trabalho. Nesta época de crise de trabalho não é para admirar que se encontrem operários sem trabalho. Uma das vítimas do «Varino» estava precisamente nessas tristes condições: não tinha trabalho. Havia ido no dia 15 deste mês a Santa-Rém onde se conservou três dias procurando emprego, não conseguindo. Mas isso não quer dizer que ele seja um vadio como o tal polícia pretendia, forçando-os a 48 horas de governo civil até o caso ser deslindado.

Foram ao fim deste tempo postos em liberdade, depois de terem pago 2800 cada um. E ando tanto vadio bem posto a roçar-se as pelas esquinas sem que a polícia os incomode.

— Pensemos apenas no futuro dos nossos camaradas que, como eu, trabalham há 64 anos, apesar de terem direito a reforma depois de 20 anos de serviço.

— E porque se não reformam?

— Porque teriam que viver apenas com 5500 por dia, que é quanto tinham direito!

## No Liceu Camões

vai ser comemorado o aniversário da Associação Académica

No próximo dia 31 realizam os estudantes do Liceu Camões uma brillante festa comemorativa do aniversário da sua Associação Académica, festa em que colaborarão o Grupo n.º 11 dos Escoteiros e o Orfeão do Liceu.

O programa, esfusante de graça e alegria, consta do seguinte:

1.º parte: — «O significado destas festas-palestra pelo professor sr. José Henriques Barata. 1.º — L'orgue — Laurent de Rille — pelo orfeão. 2.º — Apresentação do grupo n.º 11 dos Escoteiros de Portugal. 3.º — Juramento de um aspirante a escoteiro. 4.º — O gérico do Clemente, versos de Acácio Paiva, pela aluna D. Cesina Bermudes. 5.º — O gato e o rato, versos de Acácio Paiva, pela aluna D. Clara Bermudes. 2.º parte: — Intermezzo cômico, por um grupo de escoteiros. 2.º Canto — Pauvre Buterfly — Raymond Hubbel, pelas alunas D. Julieta de Jesus Soares e D. Maria Tereza Newton. 3.º Canto — Serenata — Enrico Toselli, pela aluna D. Judite Carvalho de Oliveira. Acompanhamento ao piano pela aluna D. Lidia Manso Preto. 4.º Jogo desportivo pelo grupo dos escoteiros. 3.º parte: — Luta de tracção entre duas equipes de escoteiros. 2.º Desafio de basket-ball entre duas equipes de escoteiros. 4.º parte: —

«Correio da Manhã» — Cooperativa Militar

Realiza-se amanhã um desafio amigável entre o Grupo Desportista do «Correio da Manhã» e o Boletim Sporting Club (Cooperativa Militar). Este desafio que está desportando interesse entre a classe tipográfica terá lugar no Campo do Sporting Club de Portugal (Campo Grande) pelas 8 horas. As linhas são assim constituídas:

Boletim Sporting: José Viegas, Mário Martins, Ernesto Leiteira, Pedro Geraldo, J. Ribeiro, José Salvador, João Muñoz (capitão), José Alves, Crispim Macedo, Armando Baptista de Almeida, Raúl Fernandes B. B. E.

Correio da Manhã: Carlos Medeiros, Lopes de Carvalho, Carlos Alves, Humberto Galvez, César Sarmento, António Pires (capitão), Jerónimo de Assunção, F. Sanches, Manuel Coelho, Raúl Conde, José Rodrigues.

— Boletim Sporting: José Viegas, Mário Martins, Ernesto Leiteira, Pedro Geraldo, J. Ribeiro, José Salvador, João Muñoz (capitão), José Alves, Crispim Macedo, Armando Baptista de Almeida, Raúl Fernandes B. B. E.

Correio da Manhã: Carlos Medeiros, Lopes de Carvalho, Carlos Alves, Humberto Galvez, César Sarmento, António Pires (capitão), Jerónimo de Assunção, F. Sanches, Manuel Coelho, Raúl Conde, José Rodrigues.

— Boletim Sporting: José Viegas, Mário Martins, Ernesto Leiteira, Pedro Geraldo, J. Ribeiro, José Salvador, João Muñoz (capitão), José Alves, Crispim Macedo, Armando Baptista de Almeida, Raúl Fernandes B. B. E.

Correio da Manhã: Carlos Medeiros, Lopes de Carvalho, Carlos Alves, Humberto Galvez, César Sarmento, António Pires (capitão), Jerónimo de Assunção, F. Sanches, Manuel Coelho, Raúl Conde, José Rodrigues.

— Boletim Sporting: José Viegas, Mário Martins, Ernesto Leiteira, Pedro Geraldo, J. Ribeiro, José Salvador, João Muñoz (capitão), José Alves, Crispim Macedo, Armando Baptista de Almeida, Raúl Fernandes B. B. E.

Correio da Manhã: Carlos Medeiros, Lopes de Carvalho, Carlos Alves, Humberto Galvez, César Sarmento, António Pires (capitão), Jerónimo de Assunção, F. Sanches, Manuel Coelho, Raúl Conde, José Rodrigues.

— Boletim Sporting: José Viegas, Mário Martins, Ernesto Leiteira, Pedro Geraldo, J. Ribeiro, José Salvador, João Muñoz (capitão), José Alves, Crispim Macedo, Armando Baptista de Almeida, Raúl Fernandes B. B. E.

Correio da Manhã: Carlos Medeiros, Lopes de Carvalho, Carlos Alves, Humberto Galvez, César Sarmento, António Pires (capitão), Jerónimo de Assunção, F. Sanches, Manuel Coelho, Raúl Conde, José Rodrigues.

— Boletim Sporting: José Viegas, Mário Martins, Ernesto Leiteira, Pedro Geraldo, J. Ribeiro, José Salvador, João Muñoz (capitão), José Alves, Crispim Macedo, Armando Baptista de Almeida, Raúl Fernandes B. B. E.

Correio da Manhã: Carlos Medeiros, Lopes de Carvalho, Carlos Alves, Humberto Galvez, César Sarmento, António Pires (capitão), Jerónimo de Assunção, F. Sanches, Manuel Coelho, Raúl Conde, José Rodrigues.

— Boletim Sporting: José Viegas, Mário Martins, Ernesto Leiteira, Pedro Geraldo, J. Ribeiro, José Salvador, João Muñoz (capitão), José Alves, Crispim Macedo, Armando Baptista de Almeida, Raúl Fernandes B. B. E.

Correio da Manhã: Carlos Medeiros, Lopes de Carvalho, Carlos Alves, Humberto Galvez, César Sarmento, António Pires (capitão), Jerónimo de Assunção, F. Sanches, Manuel Coelho, Raúl Conde, José Rodrigues.

— Boletim Sporting: José Viegas, Mário Martins, Ernesto Leiteira, Pedro Geraldo, J. Ribeiro, José Salvador, João Muñoz (capitão), José Alves, Crispim Macedo, Armando Baptista de Almeida, Raúl Fernandes B. B. E.

Correio da Manhã: Carlos Medeiros, Lopes de Carvalho, Carlos Alves, Humberto Galvez, César Sarmento, António Pires (capitão), Jerónimo de Assunção, F. Sanches, Manuel Coelho, Raúl Conde, José Rodrigues.

— Boletim Sporting: José Viegas, Mário Martins, Ernesto Leiteira, Pedro Geraldo, J. Ribeiro, José Salvador, João Muñoz (capitão), José Alves, Crispim Macedo, Armando Baptista de Almeida, Raúl Fernandes B. B. E.

Correio da Manhã: Carlos Medeiros, Lopes de Carvalho, Carlos Alves, Humberto Galvez, César Sarmento, António Pires (capitão), Jerónimo de Assunção, F. Sanches, Manuel Coelho, Raúl Conde, José Rodrigues.

— Boletim Sporting: José Viegas, Mário Martins, Ernesto Leiteira, Pedro Geraldo, J. Ribeiro, José Salvador, João Muñoz (capitão), José Alves, Crispim Macedo, Armando Baptista de Almeida, Raúl Fernandes B. B. E.

Correio da Manhã: Carlos Medeiros, Lopes de Carvalho, Carlos Alves, Humberto Galvez, César Sarmento, António Pires (capitão), Jerónimo de Assunção, F. Sanches, Manuel Coelho, Raúl Conde, José Rodrigues.

— Boletim Sporting: José Viegas, Mário Martins, Ernesto Leiteira, Pedro Geraldo, J. Ribeiro, José Salvador, João



# A BATALHA

A Companhia do Gás com as suas atitudes está lesando os interesses da população

A PROPOSITO DUMA ENTREVISTA

## FERROVIÁRIOS DO SUL E SUESTE

### Uma importante assemblea em Évora

#### O que se apurou numa reunião de militantes marítimos das duas tendências

No pretérito dia 27, publicou *A Batalha* uma entrevista com um membro da direção da Associação do Pessoal do Convés dos Reboques e Gasolinas, a propósito dum conflito suscitado entre aquela classe e a dos Fragatores do Porto de Lisboa.

No dia seguinte compareceram na nossa redacção dois delegados da antiga Federação Marítima, António Pinto dos Santos, actual secretário geral e Manuel Rodrigues também um dos seus elementos directivos, os quais vinham impugnar as afirmações contidas na entrevista, chegando os dois a insinuar que ele teria sido inventada pelo corpo redactorial, unicamente no sentido de acirrar mais a desunião estabelecida entre as classes marítimas.

Porque *A Batalha*, em processos difere dos seus detractores e da restante imprensa, posto que não forja entrevistas anónimas nem firma artigos com nomes fantásticos, e ainda para provarmos a isenção e lealdade com que tratamos estes assuntos, quer por dizerem respeito à vida da organização dos trabalhadores consideramos delicados, respondemos à insinuação que nos faziam com um convite para uma reunião conjunta dos representantes da F. M. com a direção da Associação do Pessoal dos Reboques e Gasolinas, anteontem, às 21 horas.

De facto, à hora marcada, compareceram a direção da Associação referida e Manuel Rodrigues pela F. M., estando também presente o mestre do reboçador «Síntia», um dos barcos em que últimamente se deu o conflito que originou a entrevista de 27.

A discussão entre as duas partes teve um inicio agitado. Conseguida a calma, interessava-nos conhecer até que ponto teria havido exagero nos informes que a nossa entrevista focava.

Como o último episódio do dissídio entre os marítimos, foi o conflito passado a bordo dos reboqueiros «São Cristóvão» e «Síntia» da C. U. F. e como tínhamos presente o mestre desse último, inquirimos da forma como os factos decorreram.

Chama-se António Duarte o mestre do «Síntia». Novo ainda, com um grande assento de franqueza, exprime-se assim:

—Já desde o dia 19 que as fragatas negavam cabos aos dois reboqueiros da C. U. F., negando-se também a embarcar neles os descarregadores do porto de Lisboa (vulgo tocos).

«No dia 25, dois tripulantes do reboqueiro «São Cristóvão», filiados na Associação dos Fragatores, recusaram-se a trabalhar, alegando que cumpriam uma ordem da sua Federação. Ao mesmo tempo no reboqueiro «Síntia» de que sou mestre, um tripulante, também filiado nos Fragatores, pediu o mesmo modo, afirmando não só que obedecia a indicação da sua Federação, como acrescentando que haviam de ganhar aquela causa? (?) porque tinham a seu lado não só os fragatores como as restantes classes federadas...

—Que motivo alegavam estes tripulantes para justificar o seu gesto?

—Nenhum. Mas, eu sei que junto da direção da C. U. F. foi um delegado da Federação Marítima queixar-se de que aqueles três tripulantes não estavam satisfeitos com os mestres...

—Porque não o tinham dito, atalhámos:

—Parce que elas se queixam de terem sido maltratados...

—Isso não é verdade! —respondeu com vigor António Duarte. Esses homens eram tratados o melhor possível. Eu, como mestre do reboqueiro, cheguei a não os substituir em caso de doença só para que lhe não faltassem as férias, expondo-me assim às censuras da Companhia proprietária.

—Desafio quem quer que seja a provar o contrário do que afirmo.

A conversa tinha derivado um pouco, mas retomando o fio, inquirimos:

—O que sucedeu depois que os tripulantes se recusaram a trabalhar?

—O mestre do «São Cristóvão» dirigiu-se à direção da C. U. F. a relatar o sucedido. Ali ficou encarregue-lhe que os despedisse ou fizesse entrega das suas cédulas na capitania.

—E é entregou?

—Não, não entregou porque lhe repugnava que os prendesse. Eu fiquei com elas para lhe dar baixa e depois entreguei-as aos respectivos donos.

—Em seguida estes homens, porque se haviam despedido voluntariamente, foram substituídos. Mas, quando os reboqueiros saíram, duas fragatas negaram-lhes cabos e não metem-los na doca.

—Deste caso, por ordem da C. U. F. e como é da praxe, demos parte à autoridade marítima, indicando para testemunhas nos autos os tripulantes dos dois reboqueiros, incluindo os três que se haviam despedido, ficando assim os dois arrais das fragatas sujetos às leis marítimas.

Estas afirmações, ouvidas por todos os presentes, não foram refutadas.

Havia, porém, necessidade de esclarecer se é que ponto este conflito tinha um carácter colectivo, pois se afirmava dum lado que ele se dirimiu unicamente entre o pessoal dos reboques e gasolinas, do outro que a Associação dos Fragatores tinha interferência. Nesse sentido formulámos uma pergunta, à qual nos respondeu um membro da Associação do Pessoal de Reboques e Gasolinas:

—É certo que mais directamente se desglaçam as duas partes da classe; porém, os filiados na Associação dos Fragatores são inspirados pela direção daquela Associação. De entre esses alguns há que são simultaneamente filiados nas duas associações.

António Duarte, para reforçar a opinião exposta, refere o seguinte facto que por si é bem concorrente:

—Há dias encontrando-me com Dias Tavares, presidente da Associação dos Fragatores, e Bento Robalo, também militante daquela classe, ambos delegados ao conselho federal da Federação Marítima, elos me afirmaram que o conflito dos reboqueiros era apenas um inicio, visto que eu tendo sido muito tempo filiado nos Fragatores e

## UM ESCLARECIMENTO

Em referência a um artigo publicado em *A Batalha* do pretérito dia 26, sob a epígrafe «Um louco assassinado por um sargento do quartel de Sapadores Mineiros», e no intuito de evitar confusões que o possam comprometer, pede-nos o sr. Joaquim António Furtado a publicação da seguinte carta:

«Sr. redactor — Li no jornal *A Batalha* de ontem um artigo sobre um assassinato praticado no quartel do regimento de Sapadores Mineiros, e, como o seu signatário afirma haver um funcionário do Pórtico de Lisboa que ali entra livremente a vender cortes de fazendas e gabardines que podem muito bem pertencer aos roubos que diariamente se praticam naquele estabelecimento do Estado e porque neste terrível momento de confusão difficilmente se distinguem os horrores dos ladrões, peço a v. que, dada a circunstância de eu ser funcionário do Pórtico de Lisboa, residir muito próximo do aludido quartel, entrar ali algumas vezes e... não querer confusões, se dignie dizer desassombroadamente se o funcionário em questão é o 3.º oficial da Administração Geral do Pórtico de Lisboa, Joaquim António Furtado, que há mais de um ano bastante contribui para a descoberta de várias irregularidades cometidas no Entreposto Colonial sem que, até hoje, outro procedimento tivesse havido que não seja uma surda e jesuítica perseguição de que vêm sendo vítima.

Esperando ficar a dever-lhe o favor da publicação desta carta, subscro-me com toda a consideração, de v. etc., Joaquim António Furtado (3.º oficial da A. P. L.)»

Julgamo-nos desobrigados de responder à pregunta que o autor da carta nos formula. O artigo salu assassinado; o seu autor se pronunciaria assim o entender, se bem que pela presente carta julguemos o seu signatário suficientemente salvaguardado.

## CONFERÉNCIAS

### Curso de filosofia nacional

Realiza amanhã, pelas 21 horas, na sede da Universidade Livre, o sr. dr. Carneiro de Moura, a segunda lição deste curso, que será subordinada ao seguinte sumário:

«A conservação das sociedades, a conservação social; «A unidade e a continuidade social»; «A adaptação vital»; «A diferença social»; «O conformismo social e a eliminação dos não conformistas»; «A imobilidade e a variabilidade social»; «O dogmatismo e o optimismo»; «O formalismo e a mentira do grupo»; «Os imperialismos».

Terminou a sessão no meio de grande entusiasmo.

### Uma assemblea em Tunes

TUNES, 25 — Presidiu à sessão o camarada José Marques Guita, secretariado pelos camaradas Gaspar António Soares e Ventura da Silva.

Teve a palavra o camarada Alfredo Pinto que começou por esclarecer a classe das «démarches» feitas junto do ministro do comércio acerca da ordem da administração geral n.º 21. Refere-se aos camaradas ferroviários de Lourenço Marques salientando a forma como aqueles camaradas têm defendido os seus direitos e regalias. Tem a palavra o camarada Palermo que se refere à votação dos novos corpos gerentes do sindicato e respectivas comissões executivas. Pediu novamente a palavra o camarada Alfredo Pinto sobre a nova comissão administrativa do sindicato, e diz que seja qual for a comissão só por muito esforço de trabalho poderá defender e obter todas as regalias dos ferroviários do Estado.

Usando da palavra, novamente, o camarada Palermo refere-se à situação financeira do sindicato expondo o débito da comissão transacta e os pagamentos executados pela comissão actual.

Foi encerrada a sessão às 21 horas com grande concorrência de ferroviários.

### Ler a revista gráfica RENOVACAO

deixei de ser para ingressar na minha associação própria, acrescentando que o conflito depois se estenderia aos outros reboqueiros.

Manuel Rodrigues, da F. M., não refutando as afirmações produzidas por António Duarte, limitou-se apenas a declarar que as afirmações produzidas por aqueles dois elementos não eram de responsabilidade da sua Federação, muito embora elas indenvisivelmente invocassem o seu nome.

Aproveitando o ensejo, perguntámos:

—A Federação Marítima tem ou não interferência nestes conflitos?

Manuel Rodrigues responde:

—No Conselho Federal da F. M. surgiram, por parte dos fragatores, protestos contra os mestres dos reboqueiros «São Cristóvão» e «Síntia», protestos estes que não atendemos por estarmos convencidos que havia exagero e despeito entre as duas partes do pessoal dos reboques e gasolinas. Depois apareceram no conselho cláques dos ex-filiados da Associação do Pessoal dos Reboques e Gasolinas, fazendo pressão para que a Federação intervesse. Surgiu por fim um ofício da Associação dos Fragatores indicando a boicotagem aos dois referidos reboqueiros. Então resolvemos atender e executar a boicotagem a partir de 1 de Janeiro.

—E sóbre a projectada greve geral contra o pessoal dos reboques e gasolinas? —perguntámos.

—Até ao presente —responde Manuel Rodrigues— a F. M. não se pronunciou sobre tal medida e por certo não sancionará uma luta entre trabalhadores. É certo que, numa reunião havida entre militantes da Associação dos Fragatores e da F. M., aqueles manifestaram o desejo de que se fizesse uma paralisação de solidariedade para com os tripulantes despedidos dos dois reboqueiros da C. U. F., de que discordámos nós, os militantes da Federação.

Para fechar, restava-nos uma pergunta, talvez um tanto audaciosa. Arriscamo-la:

—Para onde conflito influir ou não a política de tendências?

Responde-nos Manuel Rodrigues, num excesso talvez de sinceridade:

—Sim, de facto assim é, não o desminto, de parte a parte influe a questão das tendências.

Tarde, mas serenamente, terminou esta reunião. Ilacções, comentários, que as tivem e os fagam os nossos camaradas leitores, confrontando o que aqui fica com a entrevista publicada anteriormente.

## SOCIEDADES DE RECREIO

S. F. Alunos de Apolo. — Hoje, com inicio às 21 horas, grandioso baile à madrugada.

## Humilhação

Sauda, af passa um ricol... Ah! Mas, onde estão os inventos, os descobrimentos, as obras de arte, os aperfeiçoamentos com que favoreceu a raça humana?

—Esse homem não tem feito mais que exhibir o seu luxo, viver em festas contínuas; na sua mesa tem-se feito servir os mais belos frutos do povo, e a sua fortuna aumenta com o trabalho dos operários. Bem podeis ver que esse homem é útil!

—Mas, neste caso os lobos fazem o mesmo, devoram as nossas galinhas e pombos, destroem as nossas sementeiras, e ninguém diz que os lobos são fíteis à sociedade.

—Teremos então que destruir os ricos?

—Não; não destruirás os indivíduos mas sim destruirás a convenção social que lhes permite apropriação de tudo. Quando se viu que o direito de primogenitura era injusto, não se deu morte a todos os primogenitos das famílias, porque bastou que se lhes dissesse: «Meus filhos, de hoje em diante não herdareis mais que uma parte igual à dos vossos irmãos e irmãs». Fazemos o mesmo para tudo, posto que podemos fazê-lo; nossa responsabilidade e nossa desonra estão na indiferença.

Léonie ROUZADE.

## AS GREVES

### Pessoal da Fábrica Vulcano

Reuniu ontem o pessoal desta fábrica para apreciar a marcha do seu movimento grevista. Depois de alguns grevistas se pronunciarem, usou da palavra o delegado do Sindicato, que, após várias considerações sobre orientação da greve, fez sentir aos grevistas a necessidade de se preverem contra os «trucks» dos industriais.

Os grevistas voltam a reunir hoje, pelas 13 horas, na sede do Sindicato.

## Secção Telegráfica

### C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Serra, corticeiro. — Convém compareceres hoje, na sede, às 21 horas, para assunto urgente.

## Federações

### JUVENTUDES SINDICALISTAS

Dias Lobo. — Passa na sede da Federação, na segunda-feira as 14 horas, sem falta.

José dos Santos. — Posto hoje comboio 17 horas para Vendas Novas. Traz diñeiro. Náculo aguarda na estação.

Náculo de Vendas Novas. — Delegados chegam hoje 20.30. Organizem sessão para hoje, sem falta, pelas 21 horas.

Náculo de Setúbal. — Delegados chegam amanhã de manhã. Organizem a sessão para amanhã à tarde, mas cedo, sem falta.

## FESTAS ASSOCIATIVAS

### O 6.º aniversário do Sindicato do Mobiliário de Lisboa

E amanhã que se comemora o 6.º aniversário da fundação do Sindicato Único dos Operários da Indústria do Mobiliário de Lisboa, com o seguinte programa:

—A 14 horas — Conferência pelo distinto professor sr. Cesar Porto, subordinada ao tema: «A arte do mobiliário».

—A 15 horas — Sessão solene em que farão uso da palavra representantes da Federação de Indústria e das Juventudes Sindicalistas, Sindicatos e isolados e U. A. P.

Abrihantara a Sessão Solene o grupo musical «Amigos da Paróquia».

A comissão administrativa notifica aos organismos que por lapso não receberam convite que devem considerar-se convidados por intermédio de *A Batalha*.

## CRISE DE TRABALHO

### Lítografos e Anexos

Reuniu ontem o pessoal da lito gráfica Mata, a fim de tomar conhecimento dum comunicado da comissão administrativa sobre o conflito daquela oficina.

Depois de sobre o assunto se terem produzido vários dos presentes, foi resolvido que o pessoal volte a reunir na próxima quarta-feira, a fim de assentar numa atitude de que a comissão administrativa julga de alta importância.

Para conhecimento de todos a classe lito gráfica e em especial do pessoal da casa Mata, a comissão administrativa informa que por declarações que colheu do sr. Eduardo de Ferreira, gerente da casa Mata, esta reabrirá no próximo dia 8 de Fevereiro com todo o seu pessoal, nas condições que vigoravam à data do encerramento.

A toda a classe a comissão administrativa lembra a conveniência de atender bem de futuro às instruções do Sindicato dos Lítografos.

Compositores Tipográficos

A direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos convide todos os interessados a inscreverem-se hoje, das 18 às 21 horas, para subsidio.